

Registro autêntico da arquitetura do século XVII no centro da cidade de São Paulo

O convento e as igrejas de São Francisco

*Suzanna do Amaral
Cruz Sampaio*

.....



Evolução urbana da cidade de São Paulo e ocupação do solo

Estudando com atenção os primeiros mapas disponíveis da cidade de São Paulo, o mais antigo do fim do período colonial, divisamos a instalação da vila na colina, onde se estabeleceu o Colégio de São Paulo, em 25 de janeiro de 1554. Os jesuítas e os indígenas catecúmenos residiam, como em outras vilas brasileiras, no topo de elevações, em torno dos largos ou adros das numerosas capelas ou igrejas, que, pela quantidade fascinavam os visitantes estrangeiros. Aglutinando-se ao lado dos pequenos largos, havia o casario e os edifícios públicos, estes instalados em construções de antigos edifícios religiosos.

A paisagem urbana característica foi por um longo tempo eminentemente clerical. A expansão e o conseqüente adensamento da pequena cidade, expandindo-se pelas encostas, alcançaram as pontes sobre os rios Tamanduateí e Anhangabaú e levaram à formação de novas freguesias, denominação civil das paróquias eclesiásticas. O povoamento urbano no Brasil não seguiu a mesma ordem geométrica da quadrícula hispânica, mas sim, o sistema português de construir a cidade

como se sabia, dispensando-se planos, seguindo-se a tradição e as normas eclesiásticas explícitas.

Por determinação canônica, as clausuras das ordens regulares deviam situar-se a várias centenas de metros umas das outras, ordem visível na cidade contemporânea em sua complexa organização, pela distância que o mosteiro beneditino (entre 1598/1600) e dos carmelitas (1697) guardam com o Colégio Jesuítico (1554) e a Ordem Franciscana (1647). O espaço urbano das fundações religiosas, que, reconstruídas, permanecem no sítio original, é paradigmático, no caso particular da ordem dos frades franciscanos, cujas igrejas são autênticas sem, modificação relevante.

Os primeiros franciscanos chegaram a São Paulo, provenientes da Bahia, em 1639, e sua primeira igreja, Santo Antonio, deixou de ser sede do convento, para distanciar-se mais algumas centenas de metros e situar-se

na Borda da Colina (carta de data e chãos para a Igreja, o Convento e a Cerca dos franciscanos-1642). A permanência dessa edificação no centro da cidade de São Paulo, a integridade e a autenticidade constituem, pela raridade, o objeto deste texto, que merece ser aprofundado posteriormente.

Largo de São Francisco – Espaço físico e sítio histórico

Nas bordas da colina em que nasceu a capital paulista, uma das mais irregulares e estreitas de todas as que constituem o quadro das colinas tabulares regionais no território brasileiro, existia um brejo, calha do Rio Anhangabaú, sobre a qual se debruçavam o fundo da construção conventual e a cerca demarcatória. O local do primeiro edifício franciscano, atual Igreja de Santo Antonio, na Praça do Patriarca, foi considerado insalubre pela falta de água e por ser sujeito a ventos inclemen-

cuja inauguração aconteceu em 17 de setembro de 1647. A capela da Ordem Terceira da Penitência data de 1676 e foi ligada à igreja principal por um arco e, em 1783, depois da doação feita pelos frades de um terreno para a irmandade, a capela foi ampliada e ganhou entrada pelo Largo de São Francisco.

Em 1827, foi instituída pelo Imperador D. Pedro I a Faculdade de Direito de São Paulo, ocupando uma sala que então servia de sacristia, com acesso para o pátio das arcadas do claustro. Anos antes, já havia sido aprovado para o prédio dos franciscanos o curso, nos moldes daquele que o Marquês de Pombal autorizara para funcionar em Coimbra, atualizando as aulas da Universidade Medieval. Oito eram as cátedras lecionadas: Retórica, Hebraico, Grego, Filosofia, História Eclesiástica, Teologia Dogmática, Teologia Moral e Teologia Exegética. No Império, foi decidida a ocupação total das dependências do convento e nelas passaram a funcionar os cursos jurídicos, que receberam dos frades a

biblioteca de 5 mil volumes. A comunidade dos frades mudou para outros conventos, só se conservando as dependências para os sacerdotes encarregados do culto e dos cuidados com a igreja. Atualmente as dependências conventuais funcionam em prédio de sete andares no mesmo largo, ao lado da igreja.

Arquitetura e inventário artístico da Ordem Franciscana Igreja de São Francisco das Chagas

As praças do centro de São Paulo originaram-se dos “largos”, espaços da trama urbana, propositalmente deixados para que os vultosos edifícios religiosos pudessem ser vistos e contemplados. À época da colonização, denominavam-se adros, nome que se associava a um espaço eclesiástico. O Largo de São Francisco, desde 1639, foi terreno da



Igreja de São Francisco das Chagas. Em primeiro plano, o antigo convento, no ano de 1852.

tes, motivação apresentada como justificação à Câmara de São Paulo, na véspera do Natal de 1642, no pedido de concessão feito pelo superior franciscano de terreno mais adequado. Atendida à solicitação, foi iniciada a construção do Convento e da Igreja de São Francisco,



A mesma imagem no ano de 1914. Árvores foram plantadas em frente do Convento.

Ordem de São Francisco, com a construção do convento e da Igreja do São Francisco das Chagas. A parte posterior dos edifícios religiosos está na vertente abrupta, o que dificultou seu aproveitamento, enquanto, na frente plana, foram cultivadas a horta, o pomar e introduzidos o criatório de suínos, aves e um pequeno número de cabeças de gado, para serventia dos frades. A manutenção do plantio foi possível graças a um sistema de coleta de água do Rio Anhangabaú e a construção de um chafariz. Essas atividades existiram até o final do século XVIII, com a criação da Faculdade de Direito e a mudança dos frades para o Convento de Itu, no interior



Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Criada em 1827. Ao lado, a Igreja.

de São Paulo. Os franciscanos, em suas igrejas, não valorizavam a altura das torres e o desenho de suas fachadas, que sempre foi simples e sóbrio. Por esse motivo, elogiava-se sempre o aspecto harmonioso do conjunto. Quando em princípios do século XX, o convento foi substituído por construção em estilo neocolonial, por projeto do escritório Ramos de Azevedo, da nova Faculdade de Direito perdeu-se temporariamente a volumetria, apequenando as igrejas. Na cidade contemporânea, a construção de edifícios, de altura superior aos 20 andares,

em todo o perímetro do largo modernizado, permitiu o retorno à visão harmônica do conjunto franciscano. O historiador, Frei Adalberto Ortmann, considerou que esse conjunto religioso, ao contrário dos beneditinos e carmelitas, refeitos e reconstruídos, conservou todas as suas proporções.

A igreja, internamente, apresenta ornamentação com grande harmonia, mesmo tendo sido executada em períodos diferentes. Os dois retábulos laterais são barrocos joaninos do século XVII e se destacam pela proporcionalidade em relação ao pé-direito alto do templo. No teto curvo e liso, pinturas a óleo de 1953 não

revelam traços das anteriores, destruídas no incêndio de 1880. Contam as cenas da vida de São Francisco de Assis, como a da criação do presépio (central). As laterais são cenas nas quais o santo confirma, em diferentes situações, o voto de pobreza, até sua entrada no reino dos céus, ladeado de serafins. No coro, há um belíssimo cadeiral em jacarandá, de linhas renascentistas, adequado ao canto das antífonas pelos religiosos e, na sacristia, dois arcazes, também em jacarandá, com torneios e molduramentos em folhas de acanto, apresentando em um deles um busto relicário



A Igreja de São Francisco, em foto recente.

de São Luiz de Tolosa, de modelagem erudita. Mesmo depois do restauro após o incêndio, a igreja manteve sua originalidade, conservando o retábulo-mor, absolutamente autêntico, comprado na Alemanha, no período da construção, século XVII.

A Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis

A Ordem Terceira da Penitência data de 1676, mas sua capela, ligada por um arco à igreja franciscana, teve as obras concluídas em 1736. Em 1783, os frades doaram à irmandade um terreno para ampliação da capela, que passou a ter entrada pelo Largo de São Francisco, e sua fachada foi, então, alinhada à da igreja principal. Originalmente, a capela possuía planta octogonal.

A atual configuração, em forma de cruz, é de 1787. Trata-se de um dos dois únicos exemplos de planta poligonal em igrejas paulistas, o outro é da Igreja do Mosteiro da Luz. Ambos são projetos de autoria do beato, Frei Antonio Galvão, que pertencia ao Convento de São Francisco. Na confluência entre os braços e o tronco da cruz, encontra-se a abóbada octogonal, com um zimbório, cuja luz natural produz um relevante efeito. As paredes do transepto são guarnecidas de grandes

cartelas, ornamentadas com conchas em estilo rococó. O retábulo-mor, que abriga o conjunto escultórico do santo, recebendo o estigma das chagas do Senhor Crucificado, em barroco joanino e rococó, é de autoria de José de Oliveira Fernandes e foi executado em 1791. Nos braços do transepto, formam-se duas capelas com retábulos: de um lado, de São Miguel Arcanjo, do outro, de Nossa Senhora da Conceição. Dos lados do arco-

cruzeiro encontram-se os altares de Nossa Senhora das Dores e de São Luiz Rei de França. A nave apresenta tribunas com balcão e, abaixo destas, existem seis retábulos rococó, consagrados a diversos santos, incluindo o veneradíssimo Santo Antonio de Pádua, executados entre 1823 e 1828 pelos entalhadores, mestres Floriano José e Guilherme Francisco Vieira. O conjunto é considerado exemplar da arte da talha. O acervo em talha dourada é precioso e em conjunto com as pinturas remanescentes do período colonial formam um dos mais renomados tesouros artísticos de São Paulo.

No teto da nave, pinturas datando de 1790 e 1791 representam São Francisco entregando a regra aos irmãos terceiros. A mais expressiva das pinturas encontra-se no teto da capela-mor, executada por José Patrício, entre 1791-92, representando São Francisco subindo aos céus em um carro de fogo. A cena é ladeada por um grupo de frades, que admiram o milagre, e circundada por concheados e guirlandas de flores.

A Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de São Paulo é uma entidade católica leiga, composta por homens e mulheres. Foi fundada por Frei Francisco Coimbra e destinada àqueles leigos que queriam pautar sua vida pela Regra Franciscana. O acervo relata parte interessante da história da ca-

pital paulista, e a documentação está organizada por critério numérico.

Conclusão – A “milagrosa” permanência de um autêntico registro da arquitetura do século XVII, no centro da cidade de São Paulo

O conjunto da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e das igrejas de São Francisco das Chagas e da Ordem Terceira de São Francisco de Assis enquadra-se em todos os conceitos de Autenticidade e Integridade, propostos pelos especialistas em Preservação e exigidos para a integração de um bem na Lista do Patrimônio Mundial. Por esse motivo, o caso paulista se integra nas exigências da Unesco, abaixo transcritas:

1. Considerando-se *AUTENTICIDADE* a qualidade do que é verdadeiro, do que não foi alterado na sua essência, e que mantém íntegros: a técnica e o ma-

terial construtivo; os ornamentos que o tempo e as catástrofes naturais não destruíram;

2. Considerando-se que o bem analisado é parte integrante de um espaço que se organizou e se estruturou para o cumprimento de funções sociais e religiosas e que, até hoje, as mantém;

3. Considerando-se que o conjunto apresentado conservou excepcionalmente íntegros os acréscimos característicos de todas as fases sucessivas de sua história;

4. Considerando-se que no presente caso o conjunto é muito bem delimitado, ilustra com propriedade não só a sua época histórica, mas outras fases da história de São Paulo.

Concluimos que o conjunto que já foi inscrito no Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de São Paulo, possa ser classificado como bem Nacional pelo IPHAN. Lembramos que o Largo São Francisco, desde a sua origem, além das manifestações religiosas, foi palco também de manifestações políticas, sociais, recebendo, por esse motivo, a alcunha de TERRITÓRIO LIVRE.

Bibliografia

- FERNANDES, Paula Porta; PUNTONI, Pedro; MARINS, Paulo César Garcez; et alteri. *Guia dos documentos históricos da Cidade de São Paulo*. Editora NEPS – HUCITEC, 1998.
- LEMONS, Carlos A. de Cerqueira. *A Imaginária Paulista*. Edições Pinacoteca, 1999.
- MARX, Murillo. *Nosso chão do sagrado ao profano*. Editora Melhoramentos, 1989.
- ORTMANN, Frei Adalberto – OFM. “Revista do Instituto Histórico e Artístico Nacional”, nº 16. Ministério Educação e Saúde – Rio de Janeiro, 1951.
- SAMPAIO, Suzanna do Amaral Cruz. “Revista DaCultura”. Fundação Cultural Exército Brasileiro, nº 8, p. 44-51, 2005.
- TIRAPELLI, Percival – Organizador. *Arte sacra colonial*. Imprensa Oficial – UNESP-SP, 2001. Artigos de: Bonazzi da Costa, Mozart Alberto, p. 60-81; Tirapelli, Percival, p. 14-25.
- TIRAPELLI, Percival. *Igrejas paulistas: Barroco e Rococó*. Imprensa Oficial – UNESP, 2003.
- TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. Livraria Duas Cidades, 1983.

Suzanna do Amaral Cruz Sampaio – Licenciada em Geografia e História – Faculdade Sedes Sapientiae – Pontifícia Universidade Católica (SP), 1953.

Pós-graduada em História Moderna – Universidade de Edinburgh (Escócia-UK). Supervisor Prof. Victor Gordon Kiernan – Título da Tese: “ANGLO-BRAZILIAN RELATIONS FROM THE INDEPENDENCE TO THE FALL OF MONARCHY”, 1970/1974. Advogada OAB / 76 604 – Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (USP), especialista em Direito Penal e Criminologia 1979/83.

Professora Titular de História Geral e do Brasil e do Colégio de Aplicação da USP, 1966/1970. Professora de Deontologia das Comunicações Culturais da Faculdade Anhembí Morumbi, 1982/1985. Diretora do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura PMSp, 1984/1986. Superintendente da SUTACO – Autarquia do Artesanato Paulista, Governo do Estado de São Paulo, 1986/1990. Foi Presidente do ICOMOS/BRASIL (1996/1999). Vice-Presidente do Comitê Consultivo Internacional, membro representante do Brasil no Comitê Executivo e membro da Comissão do Patrimônio Mundial de 1997/2005. Atualmente é Vice-Presidente do MuBE – Museu Brasileiro da Escultura desde 1995. Conselheira do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) do Ministério da Cultura desde 1996. Membro eleito da Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa/Portugal desde 1997. Presidente de Honra do ICOMOS/BRASIL desde 2002.